



QUE FOI DE?

De Ovídio a Kafka, é constante o interesse humano pola metamorfose, que tanto se produce em Gregório Samsa como no militante de mais fogosa radicalidade juvenil. As trajetórias políticas demonstram que, a longo prazo, os traços identitários mais fortes, que unem ou separam pessoas, nom som tanto os “-ismos”, como determinados valores ou atitudes perante a vida. Nesta reportagem pode-se comprovar como se decantárom algumas de aquelas primeiras ambigüidades da Transiçom.

CRIAÇOM

Barcelonesa nascida em Ourense ou ourensana instalada em Barcelona, Raida Rodríguez ganhou em 2005 o primeiro prémio no XIX Certame Rosalia de Castro, e desde aquela nom deixou de escrever. Em 2009 publicou na Estaleiro Editora o livro de poemas *Máquina de Guerra*, e este mês fai-nos chegar desde os Paisos Catalans dous poemas inéditos.

CINEMA PARA PENSAR

O documentário *Inside job* explica à perfeiçom o caminho de despropósitos levado polo sistema financeiro e governamental norte-americano e que acabou levando ao chumbamento do sistema financeiro mundial no ano 2008.

A GALIZA NATURAL

Os últimos da Galiza e o invasor americano

João Avelado

“Mora nas lagoas de S. Pedro de Muros, entre Noia e Arouça, e, talvez, em outras da Galiza, sendo raro devido ao muito que o perseguem.”
(Seoane, 1877)

Nas Gândaras de Budinho, chegado o bom tempo, com um pouco de sorte, ainda podemos observar sobre as pedras ou troncos da ribeira algum cágado-de-carapaça-estriada a apanhar banhos de sol. É esta, a do vale do Rio Louro, uma das últimas populações do réptil mais ameaçado da nossa fauna.

O cágado-de-carapaça-estriada (*Emys orbicularis*), também conhecido popularmente como sapo-concho, é uma tartaruga de água doce de uns 15 cm. de comprimento que gosta de rios de corrente lenta, de represas, de lagoas, de albufeiras e até de charcos temporários.

Espécie distribuída pola Ásia sul-occidental, o Magrebe e boa parte da Europa, na Galiza restam apenas algumas populações isoladas no sul, principalmente, nas ribeiras do Louro e do

Arnoia, embora tenha sido citada também em outros pontos como Riba d’Ávia, Corruvedo, o Leres ou o Baixo Minho. No norte de Portugal, foi encontrada unicamente nas Lagoas do Prado (Vila Verde).

As principais causas do declínio desta tartaruga são a alteração e destruição das zonas palustres onde mora (as Gândaras de Budinho estão rodeadas polo maior parque industrial galego!), as capturas intencionais e a introdução de animais exóticos.

Existem atualmente no nosso país outras duas espécies de cágados. O cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*) e a tartaruga-de-faces-rosadas (*Trachemys scripta elegans*).

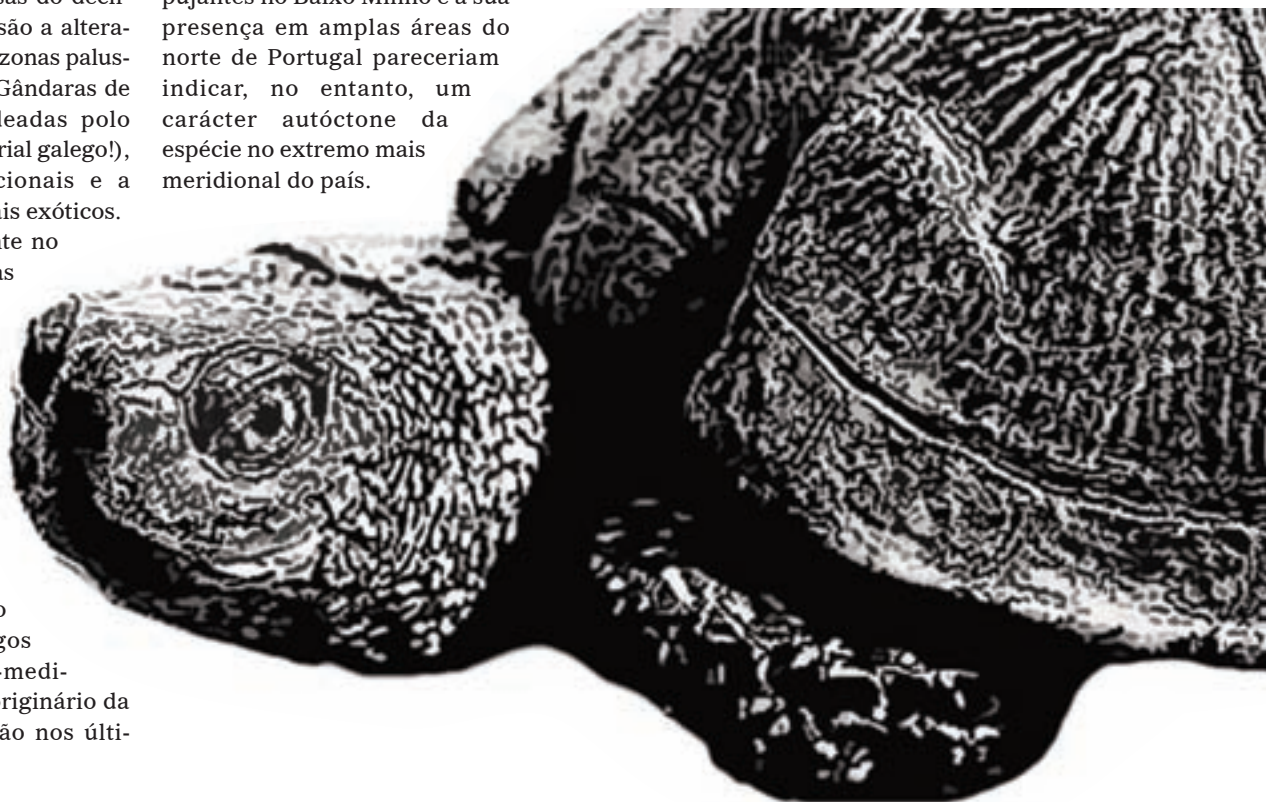
Consenso
Não existe consenso entre os herpetólogos sobre se o cágado-mediterrânico é ou não originário da Galiza. Em expansão nos últi-

mos anos, nomeadamente, nas barragens periurbanas das grandes cidades, como consequência, sem dúvida, da libertação de exemplares que foram comprados como animais de companhia; a existência de populações pujantes no Baixo Minho e a sua presença em amplas áreas do norte de Portugal pareceriam indicar, no entanto, um carácter autóctone da espécie no extremo mais meridional do país.

A tartaruga-de-faces-rosadas, originária do sul dos Estados Unidos, é um dos animais de estimação mais apreciados e populares, tornando-se nas três últimas décadas numa perigosa espécie invasora a nível mundial devido à enorme capacidade de adaptação que possui.

A sua proliferação nas zonas húmidas galegas tem sido vertiginosa, constituindo, hoje, o maior perigo que enfrentam os nossos cágados autóctones... últimos resistentes frente ao invasor americano.

O cágado-de-carapaça-estriada (*Emys orbicularis*), conhecido popularmente como sapo-concho, é uma tartaruga de água doce que gosta de rios de corrente lenta, de represas, de lagoas, de albufeiras e até de charcos temporários. Na Galiza restam algumas populações no sul





QUE FOI DE?

Nacionalistas (espanhóis) e marxistas (grouchianos)

M. C. B.

*“Estes som os meus ideais, se nom gosta deles, tenho outros”
Groucho Marx*

De Ovídio a Kafka, é constante o interesse humano pola metamorfose, que tanto se produz em Gregório Samsa como no militante de mais fogosa radicalidade juvenil. As trajetórias políticas demonstram que, a longo prazo, os traços identitários mais fortes, que unem ou separam pessoas, nom som tanto os “-ismos”, como determinados valores ou atitudes perante a vida. Repassamos aqui como se decantáram algumhas de aquelas primeiras ambigüidades da Transiçom.

De “Beiras Boys” a líderes do PSOE

“Beiras Boys” era a denominaçom depreciativa que alguns empregavam para se referir a um grupo de jovens estudantes de Económicas que seguiam politicamente a Xosé Manuel Beiras, na altura líder do PSG. Conta o próprio Beiras que, lá polo 1971, alunos da primeira promoçom se achegáram até a sua casa da rua Gelmires para propor-lhe a criaçom de um grupo político dirigido por ele. Entre eles estava Emilio Pérez Touriño –um dos seus mais avantajados alunos, e Presidente da Junta com o bipartido–, Ceferino Díaz, Ánxel Viña ou os irmaos Meixide. Beiras negou-se, mas favoreceu a entrada de Ceferino e Fernando González Laxe –outro futuro Presidente da Junta– no PSG, sendo os principais organizadores das suas Mocidades dentro da Universidade.

Também tivo relaçom o ex-líder do BNG com o espantallo ex-ministro e líder do PSOE viguês Abel Caballero, estudante de sua Faculdade na altura, e posteriormente professor agregado de Teoria Económica. Este, à diferença dos seus atuais companheiros de partido, nom chegou a ter nunca qualquer tipo de militância no nacionalismo galego. A sua relaçom com Beiras nutre o anedotário estudantil. Em 1982, os dous desputarám-se o Decanato de Económicas. Para dirimirem o voto estudantil mantivérom um duelo dialético; decidindo a assembleia do estudantado,



Francisco Vázquez na etapa como embaixador espanhol no Vaticano

umhas 900 pessoas, dar-lhe 9 votos a Caballero, meio cento de abstençoms, e o resto para Beiras. Curiosamente uns anos antes, durante umha vaga repressiva contra o movimento estudantil, Beiras foi à esquerda pagar a fiança de 25.000 pesetas para obter a liberdade Caballero. Foi que ainda nom lhas devolveu. Em 1997 voltariam enfrentar-se nas eleiçoms galegas, conseguindo Caballero o pior resultado histórico do PSOE na Galiza.

Paco Vázquez e as “aspiraçoms nacionais da Galiza”

Com a perspetiva do tempo, ainda chamará mais a atençom a evoluçom de Francisco Vázquez. Em Abril de 1978, o alcalde do “La, la, la” assegurava que “como socialista, penso que só umha resposta a nível federal, que parta do reconhecimento do direito de autodeterminaçom, pode dar forma às aspiraçoms nacionais da Galiza, e organizar efetivamente a luta das

classes trabalhadoras das diferentes nacionalidades e regions, para ir construindo o socialismo”. No 2000, recapitava sobre o tema: “falar de federalismo é dar-lhe a razom aos nacionalistas”, e para despejar dúvidas reconhecia que “é muito mais o que nos une ao PP que ao BNG”.

Vázquez, aliás, também foi, ao seu jeito, um fã de Beiras. Conta o “ex-pêssego” Xosé Luís Rodríguez Pardo que em 1977, “depois de falar comigo –refere-se a Vázquez–, eu fiquei convencido de que Paco Vázquez entraria no PSG”. Pouco tempo depois, será Vázquez quem intente captar Beiras para o PSOE.

Galeguistas obreiros espanhóis

Para além da cissom do PSG em 1977 que se integrou no PSOE –aí iam González Laxe ou Ceferino Díaz–, os “transvases” de militantes para as fileiras espanholas nom fôrom poucos. Alguns como González Amadiós mesmo voltá-

rom para o BNG depois da aventura “pesoísta”. Em 1981 o PSOE ficha como independentes para o Parlamento aos pinheiristas Alfredo Conde, Carlos Casares, Benxamín Casal e o próprio Ramón Piñeiro, que embora refugassem da luta política nacionalista, nom mantivérom tantos reparos à hora de se apresentarem por um partido espanhol.

O caso de mais sona e atual foi o de Xaquín Fdez. Leiceaga, Xocas, quem no 2003 abandonou a direçom do BNG para entrar nas listas municipais do PSOE compostelano, junto com outro célebre transformista, Sánchez Bugalho, o “camarada Nitro”. O Xocas fora detido no seu dia pola proibichom governativa do Congresso de ERGA, organizaçom revolucionária da qual era vozeiro. Mais recentemente podemos encontrar artigos seus, em tom marxista e ortografia histórica, na revista *Agália*.

Alguns líderes da UPG...

Tampouco o outro ramo do nacionalismo daquela, a UPG, se livrou destas metamorfoses. Entre 1979 e 1981, Pedro Luaces –falecido no ano passado– foi o máximo dirigente da UPG. Fundara o partido em Lugo, com pessoas como Lois Diéguez. Após o golpe do 23-F, afirmara com clarividência que “esta facta vai ser aproveitado para reafirmar a posiçom da democracia burguesa espanhola, tal como está configurada, opressiva e colonial para o nosso povo”. Anos depois entra por oposiçom na Deputaçom de Lugo quando a presidia Eduardo Garcia. Chegaria a ser um dos empregados mais antigos, e Chefe do Serviço de Formaçom. Sob a presidência de Francisco Cacharro acadou muito poder e influência, coordenando as áreas de Pessoal e Formaçom, assim como assessor pessoal do presidente. Dim os seus ex-companheiros que pouco antes da sua morte lhe afetou muito a mudança de governo, e a conseguinte perda de influência. Luaces purgara em 1976 da ANPG outro nacionalista que acabou no PSOE, Francisco Cerviño. Fora por espanholista e socialdemocrata, “acertárom no diagnóstico”, reconhece Cerviño, quem conta na sua folha de serviços com carnés da Juventud Estudante Católica, a Associaçom Democrata de Estudantes Galegos, a ANPG e o PCE, antes do PSOE.

A propósito, o segundo apelido de Luaces era nada mais e nada menos que o apelido composto González-Rosón, toda umha instituiçom na “província”. Mas é sabido, ou deveria, que partilhar apelidos nom significa partilhar gló-

Em 1978, Francisco Vázquez assegurava: “como socialista, penso que só umha resposta a nível federal, que parta do reconhecimento do direito de autodeterminaçom, pode dar forma às aspiraçoms nacionais da Galiza, e organizar efetivamente a luta das classes trabalhadoras das diferentes nacionalidades e regions, para ir construindo o socialismo”. Em 2000 recapitava e afirmava que falar de federalismo era dar a razom aos nacionalistas

rias. Que lho perguntaram a Manuel Pousada Covelo, militante de Organizaçom Obreira, purgado também da ANPG, e membro do Comité Central do independentista Partido Galego do Proletariado, detido em 1980 sob “Lei Antiterrorista” na operaçom contra a LAR, que cabou sendo sogro de Gloria Lago.

Os que deixárom o nacionalismo... galego

Vilas Nogueira talvez leve juntamente com Pío Moa a palma neste peculiar pavilhom da glória alofórmica. José Vilas Nogueira foi junto com López-Suevos e Camilo Nogueira um dos redatores das rupturistas *Bases constitucionais para a participaçom da Naçom Galega num Pacto Federal*, e de *Governo Provisório*, lá por 1977, quando militava muito ativamente no Partido Obreiro Galego e no movimento nacionalista em geral, fazendo também achegamentos teóricos. Desta radicalidade juvenil passou a rematar os seus dias como colaborador de *Libertad Digital* e o *El Correo Gallego*, dous exponentes do espanholismo mais grosseiro. Dedicárom-lhe obituários o show-man Miguel Anxo Bastos, quem também passou do nacionalismo ao PP –pretensamente “da boina”; e Miguel Cancio, pioneiro do nudismo na Galiza, “intelectual aliado da classe operária”, e hoje espantallo do espanholismo neoliberal, escritor de artigos como “Terror comunista, demagogia esquerdista, democracia real”. Recordava tal personalidade a morte de Vilas Nogueiras, que o conhecera “primeiro, na luta frente à ditadura franquista” e “ultimamente, na luta por umha Espanha, umha naçom espanhola unida, livre”.



A FOTO

Zélia Garcia

Os fins de semana e demais dias feriados joga a ser gaiteiro. Entre máquinas e madeira as mãos de Paulo descobrem limites. Constroem portas que abrem e fecham semanas, móveis para outras pessoas numa desordem de esperanças. No entanto, a sua cabeça imagina como se liberar cara à raiva organizada.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de contido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Raida Rodríguez segue o NOVAS DA GALIZA desde Barcelona, onde reside. Em 2009 publicou na Estaleiro Editora o livro de poemas *Máquina de Guerra*, e este mês fainos chegar dous poemas inéditos.

Teoria da comunicação



por Raida Rodríguez Mosquera

ruído de avions desde as profundidades da caverna,
as sombras percorrem o túnel e fai-se de dia nos muros
nengumha voz se avança às outras vozes, é dizer, que a nossa identidade devala entre o mistério do NÓS e a certeza do Abismo,
daquela a escrita já nom deverá ser umha catarse, porque o idioma invade os corpos e desborda a paisagem,
e nom há monstros nem espaços cotiães avondo para transportar tanto peso, essa cena em que erguemos os olhos e as maos buscando algo que nos atravesse -o exílio, a beleza da metralha, os vértices da palavra NÓS, múltiplo de sonhos e cicatrizes, NÓS, umha espécie ameaçada polo inverno, lugares comuns, enfermidade e desejo-

nengumha flor,
nengumha aprendizagem é possível ou desejável
-expandir o deserto, alimentar as ruínas

-mais alá!
(velaqui a única utopia que herdamos)



(A)normalidade

esquecer a razom da escrita,
encher a necessidade de pólvora e comer muito chocolate
[para estender a negrura sobre o mundo

Habitat:
executar os invasores,
pôr nos seus sítios nuvens

-nom podó dizer que as cousas me habitam,
nom podó eliminar a negrura do seus bordos.

a verdade, abraçada ao corpo dumha serpe:
Ingeborg
alles lüge,

no labirinto

a senhora da casa debruçada na fiestra, um animal negro
[movendo-se cara ela,

chove,
os transeuntes imediatamente desaparecem,
chove,
nom há necessidade de vida
as plantas ocupam toda a pele,
nom há necessidade de espectadores,

a voz só é essa torre em que esperas impaciente a chegada
[do trem que te desloque até onde podas ser reconhecida,

amada, dividida em infinitas partes,

e fazer que as ruas da cidade expandam os seus limites
num intento de compreensom, de assassinato,

a voz: aumento progressivo de paredes,
para-quedistas sepultando a paisagem num oceano de
[cores, de distância

e espertar,
dirigir-se cara ao público,
fazer enormes esforços por exteriorizar o espanto
empequenecer o mundo à minha imagem e semelhança



LÍNGUA NACIONAL

Resposta-eco

Valentim R. Fagim

Quando umha língua “convive” no mesmo espaço com outra, as interferências som inevitáveis, nomeadamente se as línguas som muito próximas do ponto de vista formal. Galego e castelha-no som-no.

Como é sabido, nom existe

qualquer tipo de simetria relativamente ao poder de interferir. A língua mais fraca socialmente é a que recebe umha enxurrada de interferências daquela que é a língua de poder, a língua assim a sério.

Neste sentido o galego tem perdido e perde aqueles traços

mais significativos, aqueles que lhe conferem identidade a respeito do castelha-no: os dias da semana por feiras, o infinitivo flexionado (“era bom vires”) ou a resposta-eco.

Sucede todos os dias.

- (Voz pré-gravada) *Marque en su móvil el número sobre el que desea hacer la gestión.*

- 626...011

- *¿Quiere cambiar el tipo de contrato?*

- *Quiero.*

- *Esa respuesta no está prevista.*

Pois, aí está o problema.

O galego tem perdido e perde aqueles traços mais significativos, que lhe conferem identidade a respeito do castelha-no. Esta enxurrada de interferências é inevitável se as línguas som próximas do ponto de vista formal, e especialmente quando umha delas é a língua de poder



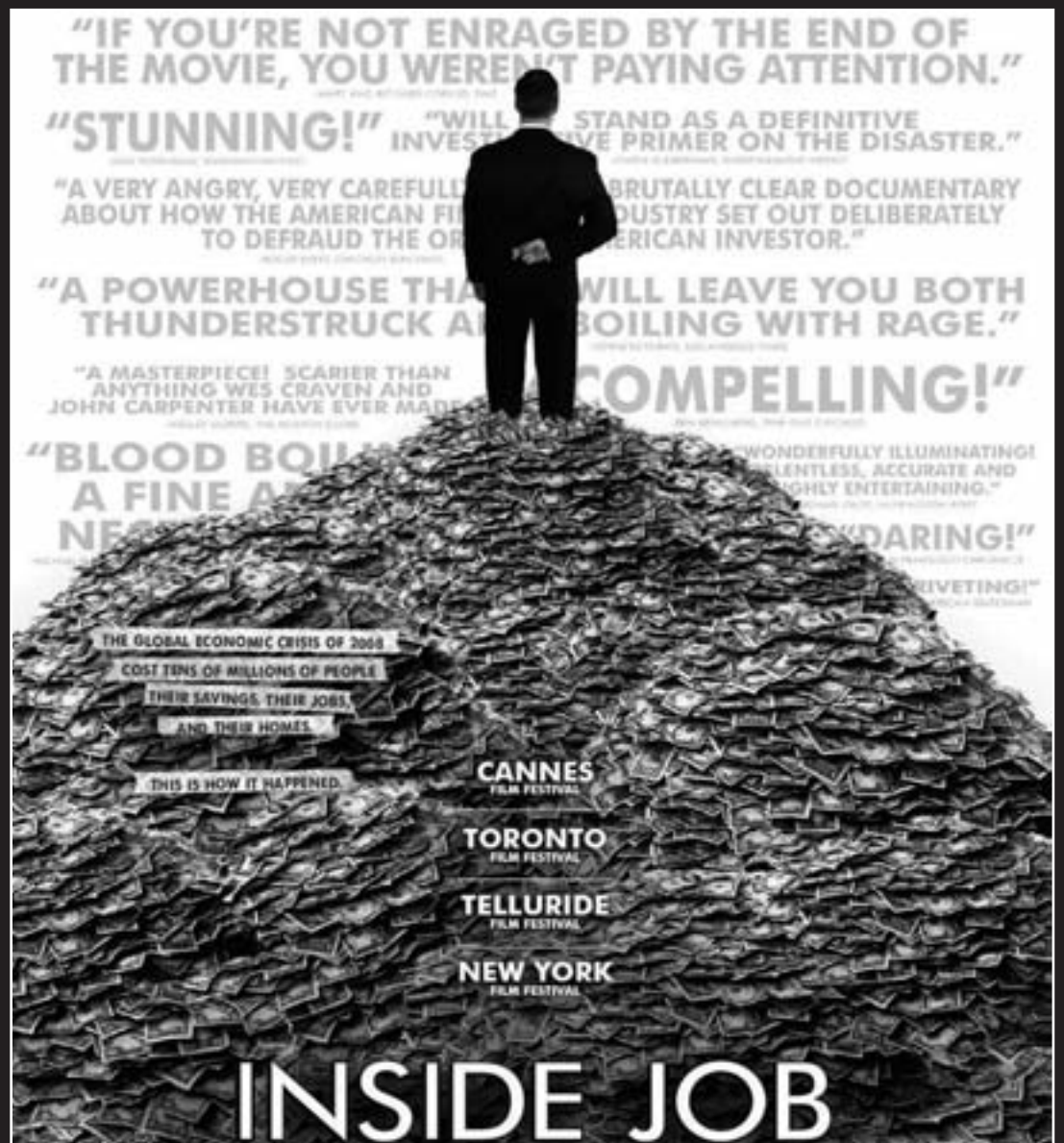
CINEMA PARA PENSAR

Inside job

Francesco Traficante

Este é um exemplo de documentário que explica à perfeição o caminho de despropósitos levado polo sistema financeiro e governamental (tanto legislativo como executivo) norte-americano e que acabou levando ao chumbamento do sistema financeiro mundial no ano 2008. Dirigida por Charles Ferguson no ano 2010 e ganhadora de um Óscar ao melhor documentário, este filme norte-americano relata passo a passo como financeiros, políticos e professores de Economia actuárom em convivência para levar a cabo um processo de desregulamentação brutal no sistema financeiro. Todos eles tinham muito a ganhar nisso, o que desembocou num desastre económico mundial. Ainda que às vezes as explicações no filme se fagam um bocado complicadas devido ao uso de certos tecnicismos de tipo económico, fai-se patente de umha forma rigorosa como a ambição de ganhar cada vez mais dinheiro em Wall Street, junto à cumplicidade total do governo norte-americano tanto da administração democrata (com Clinton) como republicana (com Bush), levou a umha confusão de personagens que bailavam desde a administração pública às companhias financeiras privadas de todo tipo de umha forma descarada. A compra dos políticos, professores de economia e média levou a umha acção coordenada de todos as

influências de poder que conduziu a um filme de ficção-económica que tivo um final no qual ninguém respondia com dinheiro de verdade e que as companhias mais importantes do país entrassem em quebra. Tal foi o ponto de descaramento e delinquência dos participantes desta montagem, que chegavam a vender bonos-lixo, investiam com o dinheiro obtido do calote em seguros destes próprios bonos-lixo em companhias seguradoras como AIG para que quando falissem, os financeiros e políticos especuladores (e nom os próprios pequenos inversores) cobrassem também as indemnizações. É algo assim como se eu tivesse umha casa (os bonos-lixo) e o seguro contra incêndios dessa casa (AIG) o estivesse a pagar um pirómano (Lehman Brothers, por exemplo) que ademais me vendeu a casa como boníssima pola garantia que me deu umha imobiliária com fama de rigorosa (Standard & Poors) e a casa estivesse feita com materiais tam maus que estivesse a ponto de ruir em qualquer momento. Mas o que é o mais triste de todo isto? Que estes vigaristas som os que ainda a dia de hoje



estám no governo norte-americano porque fôrom designados a dedo polo próprio Obama. Nom só nom fôrom castigados, mas a dia de hoje continuam a tomar as decisons de carácter económico. No entanto, houve milhões de pessoas que ficárom sem casa, sem trabalho e na indigência ou quase indigência. A crise hoje já

nom é mundial, pois só está ainda a golpear duramente onde mais se lhe seguiu o jogo a este tipo de especulações, nomeadamente com o sector da construção (Estados Unidos e o Estado Espanhol) com a convivência de governos que desregulárom o sector e políticos no poder que intervírom a saco no mercado com

legislações intervencionistas para tirarem talhada dos lucros económicos obtidos deste jeito ilegítimo e ganhar popularidade de cara às urnas. Umha minoria corrupta de financeiros e políticos tivérom as grandes festas e umha maioria social está a pagar a factura. Nom surpreende, portanto, o vigor de movimentos como os do 15-M.